

Luís Octávio da Silva

h

ISTÓRIA *URBANA*.
BREVE HISTÓRICO DA
CONSTITUIÇÃO DE UMA
ÁREA DE CONHECIMENTO

210

pós-

RESUMO

O texto procura apontar e analisar os principais eventos, marcos e discussões que têm pautado a emergência da história urbana como uma área de conhecimento específica. Fundamentalmente centrado nas ocorrências e obras de repercussão internacional, este artigo tem como base principalmente a literatura britânica e americana. Isso se deve em função do papel de vanguarda que esses dois países desempenharam no desenvolvimento das análises históricas sobre a cidade, mas também pelo potencial de difusão internacional dado pela própria língua em que essas contribuições foram feitas. O nosso interesse, no âmbito deste trabalho, está muito mais nos marcos e referências ligados à constituição desse campo de conhecimento do que na produção historiográfica propriamente dita.

ABSTRACT

The aim of this article is to highlight and analyse the main events, markers and cases in point and discussions concerning the emergence of urban history as a specific field of knowledge. Our focus will be on the events of international impact. This article is mainly based on british and american literature due to the innovative role played by these two countries in the development of historical analysis concerning the city, as well as the diffusion potential given by the language on which these contributions were made. In this work our interest will be more on the marks and references concerning the constitution of this knowledge field rather than the historiographic production itself.

HISTÓRIA URBANA, ESSA INDEFINIDA

A primeira dificuldade na identificação da emergência desse campo de conhecimento advém da falta de uma definição clara do que se poderia chamar de história urbana. Desde há muito a história de cidades se confunde com a própria história das civilizações e do território (história local, história dos países e das regiões). Gênero consagrado, as biografias urbanas, até as primeiras décadas do século 20, eram fundamentalmente obras de não-especialistas em história, de caráter enaltecedor de uma determinada localidade, em forma narrativa convencional, dando destaque à apresentação cronológica de fatos notáveis, personagens ilustres, sem generalizações nem abordagem de processos mais vastos. A história do urbanismo, assim como a da organização física dos sítios urbanos, por sua vez, é principalmente obra de arquitetos e/ou urbanistas, nem sempre historiadores de formação. Essa produção esteve, por muito tempo, inserida no âmbito da história da arte e/ou da arquitetura com pouca ou nenhuma ênfase em aspectos econômicos, sociais ou políticos, basicamente referenciada à dimensão estética e formal, mais no âmbito da história da produção cultural. A essas modalidades somaram-se as contribuições dos historiadores propriamente ditos com interesse no urbano¹, assim como as perspectivas historiográficas provenientes de outros campos disciplinares também com interfaces com o fenômeno urbano. Especialmente profícuas neste sentido foram as abordagens provenientes da geografia, mas também da demografia. Dessa diversidade de perspectivas emergiram contribuições relevantes, eventualmente com abordagens temáticas, como é o caso da história da urbanização ou abordagens nas quais o urbano aparece como elemento de interpretação histórica, por exemplo, o papel das cidades no desenvolvimento do capitalismo. Essa produção historiográfica de caráter bastante heterogêneo apresenta poucas referências teóricas em comum, não havendo identificação alguma em relação a um campo intitulado “história urbana”²

Só em meados do século 20 é que começam as primeiras articulações no sentido da constituição de uma área de conhecimento específico que seria a história urbana. Como era de se esperar, essas articulações se originaram nos países com maior acúmulo dessa produção historiográfica acima referida: Grã-Bretanha e EUA. Os estudos sobre o processo de desenvolvimento/industrialização/urbanização ocupavam boa parte das preocupações dos pesquisadores em ciências sociais. Essa maneira de abordar o urbano era significativamente diferente dos trabalhos em biografias urbanas e história do urbanismo até então hegemônicos. A década de 60 foi especialmente profícuo a esse respeito. Além de vários trabalhos de peso sobre a história do processo de urbanização³, algumas outras obras e eventos marcam o surgimento de determinados grupos de pesquisadores que passam a se auto-intitular

(1) François Bédarida, por exemplo, referindo-se ao universo francês, aponta o fato de que, desde 1929, a publicação periódica *Annales d'histoire économique et sociale* teria desempenhado um papel central no despertar do interesse pelo urbano entre historiadores. The growth of urban history in France: Some methodological trends. In: DYOS, H. J. ed., (*The study of urban history*. Londres: Edward Arnold Ltd., p. 47-60, 1968 – tradução minha). Bruce M. Stave, por sua vez, afirma que, no caso americano, o interesse dos historiadores pelo urbano pode ser detectado desde o final do século passado com as análises sobre o fenômeno imigratório e a partir dos anos 20 quando essa nação se tornava majoritariamente urbana. Um papel de destaque na aproximação dos historiadores à temática urbana, no caso americano, ainda segundo Stave, caberia a Arthur M. Schlesinger quando, a partir de 1932 ele passou a dirigir a American Historical Association Committee (FRASER e SUTCLIFFE. Pursuit of urban history: Conversations with myself and others – A view from the United States. *The pursuit of urban history*. Londres: Edward Arnold Ltd., p. 407-427, 1983). Isso sem mencionar historiadores de considerável reputação como Fernand Braudel e Henri Pirenne, em cujas obras as cidades ou o fator urbano desempenham um papel central.

(2) A Suécia constitui, em relação à utilização do termo 'história urbana', um caso particular. Nesse país, existe, desde o princípio do século 20, uma expressiva tradição em história urbana, baseada na história local inclusive com a constituição, em 1919, do Instituto de História Urbana (LEARS, Nilsson. Sunday historian and local history. *Urban History*, v. 23, n. 3, p. 381, ago. 1996.)

(3) Por exemplo HAUSER, Philip M e SCHNORE, Leo F. (Eds.) *The study of urbanization*. Nova York: J. Wiley, p. 554, 1965.

historiadores urbanos. O Joint Center for Urban Studies do M.I.T. e Universidade de Harvard (EUA) organizaram uma conferência que resultou na publicação, em 1963, de *The historian and the city*⁴ (tendo Oscar Handlin e John Burchard como editores). A importância dessa publicação, para o assunto em questão, foi a reunião, não de estudos de caso, mas sim de reflexões sobre a perspectiva histórica e o urbano.

O GRUPO DE LEICESTER

Na verdade, o principal marco da constituição da história urbana como campo de conhecimento autônomo foi a constituição do Grupo de História Urbana, no âmbito da Universidade de Leicester (Inglaterra), liderado por H. J. Dyos. Em 1962 esse grupo inicia a publicação periódica de *Urban History Newsletter*, um boletim bibliográfico. Em 1966 acontece o “International Round-table Conference” e subsequente publicação, em 1968, de *The study of urban history*⁵. Essa obra constitui a principal referência na constituição desse campo de conhecimento. Não apenas pelo conteúdo das formulações aí apresentadas, mas também pela continuidade do trabalho desse grupo, em especial no que diz respeito à publicação periódica sob sua responsabilidade, e a difusão de uma certa visão de história urbana. Em 1974, *Urban History Newsletter*, mantendo a forma de boletim bibliográfico se transforma numa publicação de maior fôlego, o *Urban History Yearbook*. Em 1992 o *yearbook* se transforma no *journal Urban History*⁶

(4) M.I.T. Press / Harvard University Press.

(5) Londres e Beccles, Edward Arnold (publishers) Ltd. Esse volume foi publicado também nos EUA. Nova York: St. Martin Press, 1968.

(6) Não confundir com o *Journal of Urban History*, publicado nos EUA, comentado mais adiante.

AS QUESTÕES CENTRAIS

São três as questões principais em torno das quais giram o que se poderia chamar de “reflexões fundadoras”: a. o balanço, categorização e análise da produção historiográfica já existente; b. a procura de uma definição do que seria a história urbana, em especial no que diz respeito à sua relação com o resto das ciências sociais; e c. a definição de um programa/agenda de pesquisa. No que diz respeito ao primeiro aspecto (mas também ligado ao segundo), pode-se afirmar a explicitação de uma insatisfação e procura de diferenciação em relação à tradição biografista de gênero antiquarista (enaltecedora do passado). Esse poderia ser apontado como o principal ponto em comum. Mas a produção biografista então existente já não se resumia a esse antigo gênero antiquarista. Já havia a produção de história de cidades aplicando abordagens mais compreensivas. O balanço da produção existente dá conta dessa transformação, mas a contrapõe aos estudos de caráter temático mais geral. O artigo *Agenda for Urban Historians*, de autoria de H. J. Dyos, que faz a abertura de *The study of*

urban history (1968), é bastante revelador de uma determinada visão, não só da produção existente, como de uma agenda de continuidade. Nesse artigo, Dyos identifica duas abordagens possíveis: uma particularista e outra generalista. A primeira delas seria mais identificada com o estudo de casos específicos, a história de cidades. A segunda, como o próprio nome diz, teria como objeto processos mais gerais, organizados em torno de temáticas como o processo de urbanização, o desenvolvimento econômico, a industrialização e o desenvolvimento tecnológico. Existe, por um lado, uma concepção de que a história urbana deveria se organizar mais em torno dessas temáticas generalistas. Por outro lado existe o discurso de que só a análise de casos específicos permitiria o estabelecimento dos nexos causais entre os diferentes aspectos concernentes ao processo de urbanização. Oscar Handlin, o expoente maior dessa posição, chega a afirmar que “*we need fewer studies of city in history than of history of cities*”⁷

No tocante à constituição de um programa de pesquisa, mas também diretamente em conexão com a definição do que deveria ser a história urbana, dois pontos emergem, de forma que se pode considerar consensual: a necessidade de enriquecimentos transdisciplinares e a premência de estudos comparativos. Quanto às contribuições transdisciplinares, elas já faziam parte de uma tendência maior na evolução da ciência histórica. Bruce Stave⁸ menciona que, já em 1890, Albert Bushnell Hart pregava a idéia de uma “nova história” com uma abordagem pluridisciplinar. Essa nova abordagem da disciplina histórica, com grande difusão a partir do que se convencionou chamar de “escola dos Annales”⁹ teve como base dois posicionamentos principais: a idéia de que a “*história se enriquece em temáticas e em métodos provenientes das disciplinas irmãs; até mesmo pelo desaparecimento provisório dos limites disciplinares; e que ela (a história), continua a ser um saber global, ecumênico, reunindo as condições de inteligibilidade máxima dos fenômenos sociais*”¹⁰ É nesse contexto evolutivo da disciplina histórica que surge o espaço para a articulação de constituição da história urbana, à semelhança do que já havia acontecido, por exemplo, com a história econômica, constituída após a Primeira Guerra Mundial e consolidada a partir da Segunda Guerra¹¹ Christopher Tunnard¹², por outro lado, vê a necessidade de uma história urbana exatamente em decorrência de uma negligência dos historiadores (salvo exceções) em relação ao papel da cidade.

Se, por um lado, a necessidade de transdisciplinariedade foi uma questão consensual, o mesmo não pode ser dito em relação à inserção da história urbana em relação ao conjunto da ciência histórica. Duas posições antagônicas se delinearam. De um lado, aqueles que viam na história urbana um campo de conhecimento específico e diferenciado do resto da produção historiográfica. O levar em conta dos processos ligados ao fenômeno urbano complementaria e forneceria elementos explicativos a dimensões não-cobertas pelo conjunto da

(7) The modern city as a field of historical study. In: HANDLIN e BURCHARD. *The historian and the city*. M.I.T. Press / Harvard University Press, 1963, p. 26.

(8) In pursuit of urban history: Conversations with myself and others – A view from the United States. In: FRASER e SUTCLIFFE. *The pursuit of urban history*. Londres: Edward Arnold Ltd. 1983, p. 409.

(9) Em referência à produção do grupo de historiadores ligados à publicação dos *Annales d'histoire économique et sociale*.

(10) FURET, F. *L'atelier de l'histoire*. Paris: Flammarion, p. 9, 1982, citado por LEPETIT, Bernard. La ville: cadre, objet, sujet – Vingt ans de recherches françaises en histoire urbaine. Revista *Enquête*, n. 4, 1996. *La ville des sciences sociales*. Editions Parenthèses, p. 18 (tradução minha).

(11) FRASER e SUTCLIFFE. Introduction. In: FRASER e SUTCLIFFE. *The pursuit of urban history*. 1983, XI p.

(12) The customery and the characteristic: A note on the pursuit of city planning history. In: HANDLIN e BURCHARD. *The historian and the city*. 1963 p. 216-224.

(13) HERSHBERG, Theodore. The new urban history: Towards an interdisciplinary history of the city. *Journal of Urban History*, v. 5, n. 1, nov. 1978, p. 3-40.

(14) SUTCLIFFE, Anthony. Urban history in the eighties: Reflections on the H. J. Dyos Memorial Conference. *Journal of Urban History*, p. 124, fev. 1984. Aliás, nesse aspecto, baseando-se em BURKE, Peter. The Early modern town – Its history and historians: A review article. *Urban History Yearbook*, p. 55-57, 1981. Ainda, referindo-se à concepção de história urbana de Dyos, Fraser e Sutcliffe afirmam: “urban history as a great forum of the historical sciences, a ‘central place’ at which an unusually variety of disciplines, interests and tendencies could converge” Preface in FRASER e SUTCLIFFE. *The pursuit of urban history*, p. IX-X. 1983.

(15) SUTCLIFFE, Anthony. In search of the urban variable: Britain in later nineteenth century. In: FRASER e SUTCLIFFE. *The pursuit of urban history*. p. 234, 1983.

(16) Em inglês “urban as a site”

(17) Essa afirmação faz parte do texto de uma carta citada por William Diamond em On the Dangers of an urban interpretation of history, historiography and urbanization. In: RONCAYOLO, Marcel e PAQUOT, Thierry, (dir.) *Villes & civilisation urbaine XVIII-XX siècle*. Paris: Larousse, 1992, p. 572.

(18) Publicado na *Mississippi valley historical review*, vol. XXVII, p. 43-66, jun. 1940.

história social. O adjetivo “urbano” não se aplicaria de uma maneira simplista ao objeto cidade. “Urbano” aplicar-se-ia a uma determinada dimensão da história não-explicável nos outros quadros de referência, analogamente à história econômica ou à história cultural¹³ Ainda que não formalmente pertencentes ao grupo de historiadores urbanos, Henri Pirenne e Fernand Braudel encarnavam e exemplificavam uma certa visão que privilegiaria uma dimensão urbana como elemento de explicação do desenvolvimento histórico. Essa posição ficou rotulada como a visão “cidade enquanto processo” Esse rótulo de “processo” advém principalmente da contraposição à antiga abordagem das biografias urbanas, que justamente não levavam em conta processos mais gerais. Segundo algumas interpretações, que à primeira vista não me parecem totalmente justificadas, Jim Dyos ocuparia inclusive uma posição extrema dentro desse “paradigma” Para ele, a perspectiva da história urbana consistiria uma estratégia operacional para uma “história total”¹⁴, um ponto de convergência das contribuições transdisciplinares para a interpretação histórica. Esta seria a criticada abordagem “urban history” Durante os anos 70, Dyos e Reeder, por exemplo, sustentam a existência de uma ligação intrínseca entre a “urban housing economy and Britain’s commercial success”¹⁵, isto é, todo o setor econômico de exploração dos *slums* organicamente inserido na economia de baixos salários.

Em um lado oposto à perspectiva “cidade enquanto processo” alinham-se historiadores e outros cientistas sociais que se interessam pelo urbano apenas enquanto local onde os embates e transformações sociais acontecem. Alguns deles, durante algum tempo, paradoxalmente se intitulavam, eles também, historiadores urbanos. Nessa perspectiva, entretanto, não existiria uma história urbana como um domínio específico. Os fenômenos por ela tratados seriam apenas incidentalmente urbanos. Essa visão recebeu o rótulo de perspectiva “urbano enquanto sítio”¹⁶ Na verdade, esse debate transcende e é anterior à constituição dos grupos de auto-intitulados historiadores urbanos. A divergência possui raízes bem mais profundas e antigas. Esse embate de posições vem acontecendo de maneira declarada, no âmbito da historiografia americana desde, pelo menos, o início dos anos 40. Uma pequena digressão é necessária para o entendimento da evolução das posições. Existia uma corrente da historiografia americana, da qual Frederick Jackson Turner foi um porta-voz, para a qual a chave de compreensão da história desse país não estaria na evolução das colônias atlânticas, mas sim pelo viés da expansão em direção ao oeste. Com a evolução do processo de urbanização, em 1925, Turner julga que teria chegado o momento de uma “reinterpretação urbana da história”¹⁷ Essa incitação foi posta em prática por Arthur Schlesinger nas entrelinhas do seu livro *The rise of the city 1878-1898* e pouco tempo mais tarde como argumento central do artigo “The city in american history”¹⁸ Pois é exatamente contra esse argumento que, em 1941, William Diamond publica o artigo “On the dangers of an urban interpretation of

history, historiography and urbanization”¹⁹ Diamond aponta a falta de uma definição clara do que seria a cidade, e a inconsistência da sua utilização como elemento causal na interpretação do desenvolvimento histórico. As classes sociais teriam um potencial explicativo muito maior do que as condições de cidadão/ou não em relação, por exemplo, às posições políticas ou ao comportamento demográfico (natalidade, mortalidade, etc.). Essa discussão sobre a cidade (e/ou o urbano) como variável independente ou variável dependente é retomada, nos mesmos termos, pelas visões “cidade como processo” *versus* “urbano enquanto sítio” Dada a importância desse debate na configuração e delimitação do campo de conhecimento da história urbana, ele merece, no âmbito deste trabalho, um detalhamento um pouco maior. Vejamos, então, alguns dos principais protagonistas e seus argumentos.

Um nome de primeira grandeza da crítica à história urbana é o de Philip Abrams, pensador de orientação weberiana que, no artigo “*Towns and economic growth: Some theories and problems*”²⁰, aborda como objeto central essa discussão. Para ele, existiria um equívoco bastante freqüente, principalmente no âmbito da história urbana, mas também corrente na sociologia urbana, aliás ambas verdadeiros “*cemitérios de generalizações sobre a cidade*” (p. 9, tradução minha). O equívoco consistiria na concepção da cidade como uma entidade social *sui generis*. Na verdade, a cidade seria “*a social form in which the essential properties of larger systems of social relations are grossly concentrated and intensified – to a point where residential size, density and heterogeneity, the formal characteristics of the town, appear to be in themselves constituent properties of a distinct social order*” (p. 9-10). Assim como na crítica de Diamond, a origem dessa confusão estaria no próprio conceito de “cidade” Para exemplificar, Abrams usa a interpretação de Maurice Dobb²¹, para quem a transição do feudalismo para o capitalismo estaria diretamente ligada à emergência de cidades²² A razão do equívoco estaria na identificação, por parte de Dobb, do feudalismo com o sistema de servidão, que teria como consequência a concepção das cidades como corpos sociais alienígenas ao sistema feudal. A transição seria então explicada, por Dobb, como uma relação entre essa *townness* e as relações sociais feudais. Abrams, por sua vez, propõe:

“*The transition from feudalism to capitalism ceases to be a change explained in terms of the rise of towns and is steadily more explicitly a matter of the struggle of different groups within the feudal order to dominate small-scale production and to appropriate the profits of trade. Particular towns are the political setting for particular versions of this struggle. The distinctive outcome of the struggle is explained not by the nature of the town but by the working-out of the contradiction between the social division of labour and the productive division of labour permeating feudalism as a whole and merely realized most acutely in the relatively concentrated social world of the town.*”²³

(19) *Essays in american history*, Baltimore, 1941. Republicado por RONCAYOLO, Marcel e PAQUOT, Thierry, (dir.) *Villes & civilization urbaine XVIII-XX siècle*. Paris: Larousse, 1992, p. 564-577.

(20) ABRAMS, P. e WRIGLEY, E. A. *Towns in societies: Essays in economic history and historical sociology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978, p. 9-33.

(21) *Studies in the development of capitalism*. Nova York: International Publishers, 1963, p. 33-127.

(22) “*so far as the growth of the market exercised a disintegrating influence on the structure of feudalism and prepared the soil for the growth of forces in which were to weaken and supplant it, the story of this influence can largely be identified with the rise of towns*” (p. 70, citado por Abrams, op. cit., p. 11).

(23) Op. cit., p. 13.

A mesma crítica aplica-se à interpretação do mesmo período histórico por parte de Fernand Braudel, para quem o desenvolvimento econômico do mundo ocidental estaria diretamente ligado ao caráter fechado de suas cidades: *“the towns caused the West to advance”*²⁴ O contra-argumento de Abrams:

*“It was not really the towns that caused the West to advance but the peculiar inability of western feudalism to prevent these people from maximizing their advantages which they did typically within the institutional form of the closed town. The move from open to closed towns was a move to consolidate the power of such groups against feudal and landed authorities and against the artisans and labourers within towns. Both internally and externally the town is an institutional expression of power.”*²⁵

Idêntica crítica provém também da historiografia marxista. E. J. Hobsbawm, no famoso artigo *“From social history to the history of society”*²⁶, questiona o potencial da história urbana como paradigma explicativo da mudança social. Outra referência importante, também na mesma linha crítica, é o artigo de R. H. Hilton *“Towns in english feudal society”*²⁷ questionando a interpretação de Henri Pirenne de que as cidades seriam a antítese e fator de desagregação da sociedade feudal²⁸ Enfim, existe toda uma linha de questionamento, não só em relação à história urbana, mas de todas as análises de processos sociais que empregam o urbano como categoria de análise. Uma contribuição, historicamente importante, inclusive porque bastante lida e discutida, se bem que exterior ao universo anglofônico, provém de Jean-Claude Perrot. Esse historiador francês apresenta uma posição com sensíveis nuances em relação ao embate de posições *“cidade enquanto processo” / “urbano enquanto sítio”* A sua concepção de cidade é a de um observatório privilegiado dos fatos sociais. Segundo ele:

*“... la considération des faits urbains est un moyen, parmi d'autres, de faire au jour de l'histoire des rapports sociaux imprécis dans la conscience de ceux qui les vivent ... Bien sûr, les villes ne sont pas d'abord l'agent de révolutions dont les eaux mères viennent des profondeurs de l'économie, de la démographie, des mutations techniques et des décisions politiques. Mais entre les causes et les effets, les agglomérations occupent un croisement privilégié: d'une certaine manière, leur influence échappe à la saisie des consciences contemporaines, d'une autre au contraire, les transformations urbaines contribuent, quand il faut, à déchirer l'apparence de la société d'ordres, dévoilant les traits réels des groupes sociaux ...”*²⁹

(24) *Capitalism and material life*, p. 439-440, citado por ABRAMS, op. cit. p. 24.

(25) *Ibid.*, p. 25.

(26) FLIN, Michael Walter e SMOUT, T. Christopher (Eds.). *Essays in social history*. Oxford, Clarendon Press, 1971, p. 20-45.

(27) *Review*, vol. III, 1979, p. 3-20.

(28) SUTCLIFFE, Anthony. op.cit. 1983, p. 235.

(29) “Rapports sociaux et villes au XVIII siècle”. *Annales E. S. C.* n. 2, mar.-abr. 1968. Republicado In: RONCAYOLO, Marcel et PAQUOT, Thierry. *Villes & civilization urbaine XVIII-XX siècle*. Paris: Larousse, 1992, p. 47 e 52.

A ‘NEW URBAN HISTORY’

Se do lado europeu apontou-se como fato desencadeador da “constituição da história urbana” a formação do “grupo de Leicester” no lado americano, ainda que não partindo das mesmas opções conceituais, esse papel coube ao grupo e determinada “visão” conhecidos como “*New Urban History*”. O evento de “fundação” nesse caso, foi a “Conferência Nineteenth Century Industrial City” organizada na Universidade de Yale (New Haven – EUA) por Richard Sennett e Stephan Thernstrom, em 1968. A publicação ligada ao evento e que serve de referência para essa abordagem em história urbana intitula-se *The nineteenth century city: Essays in new urban history*³⁰, cujos editores são exatamente Sennett e Thernstrom. É importante ressaltar que, tanto no caso britânico quanto no americano, esses eventos não estão iniciando a produção historiográfica urbana, que obviamente lhe é anterior, mas principalmente articulando a constituição de paradigmas, no sentido kuhniano do termo, isto é, estabelecendo referências teóricas comuns, procedimentos metodológicos, associações, publicações, etc.³¹ A história urbana concebida no âmbito do grupo “*new urban history*” parte de uma perspectiva marcadamente sociológica e claramente identificada com a abordagem “urbano enquanto sítio”. Nestes aspectos, ela pode ser considerada como diametralmente oposta à orientação do “grupo de Leicester” cujas afinidades e passado disciplinar eram muito mais ligados à ciência econômica e à história econômica, e cuja concepção de história urbana era declaradamente “cidade como processo”. Os principais pontos que caracterizaram esse grupo americano são: a procura do estabelecimento de “pontes” entre os dados históricos e outras disciplinas das ciências sociais, em particular com a teoria sociológica; a aplicação de abordagens quantitativas; e o interesse por aspectos das experiências cotidianas. Os primeiros anos foram de grande entusiasmo e as pesquisas se concentravam principalmente sobre a temática da mobilidade social e geográfica³². Alguns anos depois, as grandes expectativas pareciam não ter sido correspondidas pelos resultados. As inúmeras críticas a essa abordagem concentraram-se principalmente na pobreza das contribuições no tocante à explicação sobre o contexto dos comportamentos analisados. Os fenômenos de mobilidade eram apresentados com pouca ou nenhuma relação com o entorno urbano. A “*new urban history*” foi muito pouco urbana³³. A sua principal contribuição foi no sentido de fazer essa transferência de procedimentos metodológicos da sociologia para o âmbito urbano, ainda que o objeto não fosse tão urbano quanto se esperaria. Esse legado metodológico serviu, por exemplo, de base ao importante projeto coletivo de pesquisa que foi o Philadelphia Social History Project. Sob a liderança de Hershberg, esse projeto investigou, num contexto de industrialização, o desenvolvimento metropolitano, e os comportamentos de diferentes subgrupos sociais em relação a variáveis como

(30) New Haven e Londres: Yale University Press, 1969.

(31) KUHN, Thomas S. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.

(32) HERSHBERG, op. cit., 1978.

(33) Tornou-se emblemática a esse respeito uma entrevista de Stephen Thernstrom a Bruce M. Stave no *Journal of Urban History*, na qual ele renuncia não só ao rótulo de historiador urbano como a própria existência de uma nova história urbana (HERSHBERG, op. cit., 1978).

(34) HERSHBERG op. cit., 1983.

(35) *Urban History Newsletter* foi publicado pela primeira vez em 1962.

(36) Citado por BLUMIN, Stuart M. City limits: Two decades of urban history in JUH. *Journal of Urban History*, v. 21 n. 1, nov. 1994, p. 7-30.

(37) Que em 1992 sucedeu o *Urban History Yearbook*, que por sua vez, em 1974, havia sucedido *Urban History Newsletter*.

(38) Dentre as exceções, são de especial interesse para os leitores brasileiros o artigo de MORSE, Richard, Brazil's urban development – Colony and empire, v. 1, n. 1 (nov. 1974) p. 39-72; o de SOCOLOW, Susan e JOHNSON, Lyman, Urbanization in colonial Latin America, v. 8, n. 1 (nov. 1981) p. 27-59; o de GREENFIELD, Gerald Michael, New perspectives on latin american cities, v. 15, n. 2 (fev. 1989), p. 205-214; e o de ARMUS, Diego e LEAR, John, The trajectory of latin american urban history, v. 24, n. 3 (mar. 1998), p. 291-301.

(39) No caso do JUH: BROWNELL, Blaine A. "After ten years: An editorial". *Journal of Urban History*, v. 11, n.1, nov., p. 3-7; e BLUMIN, Stuart M. City limits: Two decades of urban history in JUH. *Journal of Urban History*, v. 21, n. 1 nov., p. 7-30. No caso do UHN/UHY/UH, BLOOMFIELD, Elisabeth, *The urban history yearbook – Interdisciplinary forum or indispensable research toll. Urban History Review/Revue d'histoire Urbaine*. v. XVI, n. 1, jun./jul. 1987 e RODGER, Richard. *Urban history: Prospect and retrospect*, *Urban History*, v. 19, part 1, p. 1-44, 1992.

(40) Edward Arnold Ltd., Londres.

localização industrial, residência, transporte e equipamentos. A importância desse projeto, além do seu caráter coletivo (num período em que a maior parte das pesquisas se desenvolvia de forma individual), foi o emprego de instrumentos de análise informatizados podendo estabelecer conexões entre organização espacial e relações sociais, eventualmente contrariando teorias então existentes³⁴.

O JOURNAL OF URBAN HISTORY

Possivelmente tanto quanto ou até mais importante que a “*new urban history*” na constituição e difusão da história urbana americana foi o papel do *Journal of urban history*. Ele apareceu em 1974, isto é, significativamente mais tarde que o seu correlato britânico³⁵. Um detalhe de considerável importância é que o JUH, desde o seu princípio, procurou manter um distanciamento estratégico em relação à “*new urban history*”. Em meados da década de 70 já se desenhavam claras as limitações dessa abordagem. No seu primeiro editorial Raymond Mohl explicitava o perfil da publicação: “*studies of small or narrow fragments of the urban experience ... only if they are clearly and strongly related to a broader context*”³⁶. Isso era um aviso de interdição às “limitadas e estreitas” pesquisas de mobilidade desenvolvidas pela *new urban history*. JUH, assim como *Urban History*³⁷ apesar de se pretenderem internacionais, têm uma cobertura geográfica tanto em relação à origem das contribuições quanto às temáticas abordadas, significativamente restritas aos respectivos países de publicação. No caso do UH, esses limites se estendem ao Commonwealth; já JUH apresenta uma visão de história urbana mais estritamente americana³⁸. Já existem alguns artigos que fazem balanços dessas duas publicações periódicas³⁹ que continuam a ser as duas mais importantes em história urbana e únicas de difusão internacional.

A HISTÓRIA URBANA NOS ANOS 80

O principal marco desse outro período aconteceu logo no ano de 1980. Foi a “Dyos Memorial Conference” inicialmente sob organização do próprio Dyos que, ao falecer, foi substituído por Derek Fraser e Anthony Sutcliffe. A importância do evento deve-se tanto ao seu caráter internacional quanto ao caráter de avaliação do estado da arte após cerca de 20 anos de articulações pró-consolidação da história urbana como campo de conhecimento. Aconteceu em Leicester e teve um impacto comparável ao do encontro de 1966. A publicação correspondente, *The pursuit of urban history*⁴⁰, só veio a ser editada em 1983, sob responsabilidade de Fraser e Sutcliffe, e o conteúdo não coincide exatamente com o programa da conferência. Essa obra, conjuntamente com o artigo de Sutcliffe sobre o

evento⁴¹ quatro anos depois, constituem, a nosso ver, fontes fundamentais para a compreensão das perspectivas e balanços feitos não exatamente sobre, mas durante os anos 80. São, a nosso ver, três as temáticas principais que aparecem nas discussões epistemológicas, nesse período: a. um aprofundamento da discussão sobre a transdisciplinariedade e a necessidade de estudos comparativos; b. um foco sobre a organização institucional da pesquisa (necessidade de projetos coletivos); e c. reflexões sobre a experiência da “*new urban history*” e as abordagens quantitativas.

O tom geral dos artigos que procuram fazer o balanço das quase duas décadas anteriores de produção historiográfica é de franca decepção em relação às expectativas da década de 60. Bédarida⁴², por exemplo, menciona especificamente o caráter disperso e desconexo dessa produção que, apesar de crescente, careceria de obras de síntese. Hershberg⁴³, por sua vez, expressa a sua decepção em relação à questão da transdisciplinariedade⁴⁴. A sua interpretação envereda pelo âmbito da sociologia das ciências. Para ele, as dificuldades são de ordem ideológica, cultural, psicológica, assim como decorrentes de fatores estruturais. A própria institucionalização das disciplinas que, se por um lado potencializou avanços devidos à especialização, também criou barreiras. A formalização das disciplinas⁴⁵ implicou a estruturação das universidades em departamentos. No caso americano, o sistema de recompensas (no âmbito universitário) privilegiaria os empreendimentos individuais. Daí as dificuldades de síntese. A problemática não seria tanto de especialização, mas principalmente de isolamento. No caso das pesquisas aplicadas e das *hard sciences*, haveria uma natural interdependência e cumulatividade entre disciplinas irmãs. No caso das ciências humanas existiria uma valorização da criatividade, e conseqüentemente um isolamento. Daí a ênfase na necessidade de projetos colaborativos. Durante os anos 80 existe uma formulação bastante clara da necessidade desses projetos. Eles são ao mesmo tempo uma solução à questão da transdisciplinariedade e à necessidade dos estudos comparativos.

Apesar de um certo tom de desilusão, os anos 80 foram, no âmbito da história urbana, bastante profícuos. De um lado estavam bastante digeridas as críticas feitas às abordagens quantitativas americanas. Após a “ressaca” em relação à “*new urban history*” a experiência da Philadelphia Social History Project apresentava resultados interessantes, mas dificilmente poderia servir como modelo geral: recursos financeiros e humanos vultosos concentrados apenas numa cidade⁴⁶. A produção historiográfica urbana inglesa continuou a ser a mais globalizante e multifacetária. Mas durante a década em questão, emergiu uma considerável produção tanto francesa quanto alemã. No caso da primeira, o principal traço foi o da conjunção história urbana/história social, numa posição quase inversa ao que ocorrera na Grã-Bretanha. Cabe especial menção, também, por se tratar de um projeto coletivo e de peso, a publicação de *Histoire*

(41) Urban history in the eighties: Reflexions on the H. J. Dyos Memorial Conference. *Journal of Urban History*. v. 10, n. 2, fev. 1984, p. 123-144.

(42) The French approach to urban history FRASER e SUTCLIFFE. *The pursuit of urban history*. 1983, p. 397.

(43) FRASER e SUTCLIFFE. The future of urban history, op.cit., 1983, p. 428-448.

(44) Hershberg faz uma diferenciação: multidisciplinariedade (preservação do paradigma disciplinar) diferenciar-se-ia de interdisciplinariedade (utilização de variáveis explicativas provenientes de outras disciplinas). Ele indica, para um aprofundamento da questão, um outro texto seu: “Prologue and epilogue” In: HERSHBERG, Theodore. *Philadelphia: Work, space, family and group experience in the nineteenth century. Essays towards an interdisciplinary history of the city*. Nova York: Oxford University Press, 1981.

(45) Apenas a título de curiosidade reproduzimos a informação referente às datas de institucionalização de algumas disciplinas nos EUA, conforme apresentadas por Hershberg (op. cit., p. 431): história, 1884; economia, 1885; ciência política, 1903; e sociologia, 1905.

(46) STAVE, Bruce M. op.cit., 1983, p. 424.

(47) Paris: Éditions du Seuil.

(48) PINOL, Jean-Luc. *Le monde des villes au XIX siècle*. Paris: Hachette, 1991, p. 6-8.

(49) BÉDARIDA, op.cit., 1983.

(50) FRASER e SUTCLIFFE. Introdução, *The pursuit of urban history*. (p. XXVIII), 1983.

(51) LEES, Lynn Hollen (1994). The challenge of political change: Urban history in the 1990. *Urban History*, v. 21, p. 1, abr. 1994, p. 7-19.

(52) Por exemplo, o *Ontwikkeling van de Stad*, Hilversum-Holanda, 1992 (LEES, op.cit., 1994); ou ainda o notável projeto "Atlas histórico de las ciudades europeas", coleção publicada em diferentes línguas sob iniciativa do Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona.

(53) Só revistas especializadas elas já eram, ao final dos anos 80: sete na Áustria, cinco na Grã-Bretanha, quatro na Itália e dois na Bulgária, conforme listagem apresentada no âmbito da pesquisa/publicação ENGELI, C. e MATZERATH, H. *Modern urban history research in Europe, USA and Japan: A handbook*. Oxford (UK), Berg Publishers, 1989. (citação de LEES, op.cit, p. 7, 1994).

(54) RODGER, Richard. Urban history: Prospect and retrospect. *Urban History*, v. 19, part 1, abr., 1992, p. 9.

(55) Por exemplo, RODGER, R. *European urban history*. Leicester e Londres, 1993; também é o caso de BIGET, Jean-Louis e HERVÉ, Jean-Claude, *Panoramas urbains: Situation de l'histoire des villes*. Fontenay/Saint-Cloud, E. N. S. Editions; ou ainda ENGELI, Christian e MATZERATH, Horst, *Modern urban history research in Europe, USA and Japan: A handbook*. Oxford (UK): Berg Publishers. A propósito, esta última obra apresenta, em

*de la France urbaine*⁴⁷ em cinco volumes, entre 1980-85. Consolida-se também uma produção alemã, principalmente, centrada na história das administrações locais, abordagens econômicas, demográficas e de história do cotidiano⁴⁸.

De uma maneira geral, a década de 80 foi também marcada por uma diminuição das ambições e pretensões em relação ao potencial explicativo da história urbana. Após as consistentes críticas dos anos 70, uma *interpretação urbana da história* era já vista com maior precaução. Um outro traço geral é o do aumento das contribuições provenientes da sociologia. Outro fato a ser apontado é o da manutenção do peso hegemônico das biografias urbanas. Já não mais na antiga tradição de isolamento, mas sim contextualizadas⁴⁹ Elas continuam, entretanto, vistas como obras menores, como etapa cabível para historiadores juniores⁵⁰

A HISTORIOGRAFIA URBANA NOS ANOS 90

Seguindo uma tendência já delineada nos anos 80, a história urbana produzida na Europa nos anos 90 caracterizou-se por um grande dinamismo e proficuidade⁵¹ No âmbito das ações cooperativas, tão preconizadas anteriormente, os avanços continuaram notáveis: projetos de pesquisa⁵², publicações⁵³, constituição de associações nacionais e de redes associativas, notadamente a Associação Européia de Historiadores Urbanos. Esse dinamismo europeu, segundo Lees, contrasta com o quadro norte-americano no qual a história urbana continuaria a ser uma atividade marginal (p. 8). Há avanços na antiga questão da transdisciplinariedade, no entanto, existe também um reconhecimento de que se trata de um empreendimento mais difícil do que poderia parecer: "... few were sufficiently promiscuous intellectually as to sample the methodological and theoretical delights drawn from the wide range of interdisciplinary possibilities available." ⁵⁴

Apesar da efervescência da produção, existe uma constatação da raridade das ações de síntese. Mesmo as obras que adotam uma perspectiva comparativa são organizadas sob forma de coletâneas, em que as contribuições continuam circunscritas às barreiras nacionais⁵⁵ Curiosamente, as principais obras que conseguiram essas análises mais globais são quase todas produzidas nos EUA⁵⁶ A transcendência da dimensão local continua a ser um dos grandes desafios, aos olhos das análises existentes sobre os anos 90. Como pudemos acompanhar, desde os anos 60, as biografias urbanas têm sido uma temática constante das reflexões sobre a produção historiográfica urbana. A evolução do olhar e das posições sobre essa modalidade historiográfica é reveladora das transformações das concepções metodológicas e epistemológicas sobre a história urbana. Para Dyos, as histórias de cidades eram uma espécie em perspectiva de extinção: "The

day of the individually posed idiosyncratic study of a town that has no particular analytical propose ... is now on the wane"⁵⁷ Posteriormente, durante a década de 80, em face da constatação da sua sobrevivência e vitalidade, Fraser e Sutcliffe consideram-na como "produção cabível para historiadores juniores"⁵⁸ Já nos anos 90 as análises são mais elaboradas. De um lado, ao constatar que as biografias continuam a constituir a maior parte da produção exterior aos projetos coletivos, Lees⁵⁹ interpreta o fato como uma conseqüência da estrutura da pesquisa acadêmica, enquadrada em programas individuais com prazos limitados. As formas combinadas de biografias urbanas com abordagens regionais teriam o mérito de atrair um público não-especializado. Haveria também uma razão metodológica inerente à própria disciplina histórica, naturalmente mais ligada às fontes e consciente dos riscos das generalizações. Ele propõe, entretanto, estratégias de transcendência: estudos comparativos a partir de tópicos específicos ou o estudo de redes de cidades. Richard Rodger, por sua vez, apresenta uma visão um pouco mais positiva. Para ele *... urban biographies provide the empirical bedrock for systematic analyses of the processes at work within towns and cities*"⁶⁰ Além do mais, elas seriam uma modalidade de história urbana mais pertinente às abordagens antropológicas e etnográficas. Aliás, as abordagens culturalistas de forma geral, assim como as contribuições metodológicas provenientes das análises de linguagem constituiriam uma das marcas vislumbradas nos anos 80 e aprofundadas nos anos 90⁶¹

Quanto às perspectivas de desenvolvimento, Richard Rodger⁶² vê na fragmentação de interesses um risco de empobrecimento da história urbana. Fragmentação pela constituição de grupos ligados a temáticas específicas, como por exemplo, períodos históricos de interesse, ou então grupos especificamente interessados em história do planejamento/urbanismo ou os grupos de morfologia urbana.

"Associational autonomy does not always ensure virility, as a cursory glance at curbs and societies in the eighteenth or nineteenth century reveals, and sterility may confront twentieth-century ones too. Below a minimum threshold population many species, both scholarly as well as in the natural world, become non-viable." (p. 11); *"This urban pathology, the dissection of the tissue of the city, concentrated as it is with the detailed workings of a single part has cared little for the interactions with the urban body as a whole. For them, the city is essentially an adjunct to the study."* (p. 8)

Essa crítica é curiosamente parecida com as reprovações à abordagem "urbano enquanto sítio" em que o objeto era apenas acidentalmente urbano. Na verdade, ela, em parte, provém de uma antiga tentação de constituição de um saber total sobre o objeto, enriquecido pelas diferentes contribuições. Em várias passagens, na evolução dos estudos urbanos pode-se assistir à emergência de tentativas de formulação desse saber total, eventualmente de uma teoria geral

anexo, uma interessante e vastíssima seção bibliográfica (336 páginas) organizada, ela também, por países com subdivisões por tipo de produto e por temática. A subseção final, após todos os países, é dedicada às pesquisas comparativas internacionais.

(56) Por exemplo, HOHENBERG e LEES, *The making of urban europe, 1000-1950*. Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1985, 416p.; VRIES, Jan, *European Urbanization, 1500-1800*. Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1984, p. 298; MOCH, *Moving europeans: Migration in western Europe since 1650*. Blooming, 1992; As exceções são BAIROCH, *De Jéricho à Mexico: Villes et économie dans l'histoire*. Paris: Gallimard 1985; e PINOL, *Le monde des villes au XIXe siècle*. Paris: Hachette (Citação de LEES, op.cit., p. 9, 1994).

(57) Editorial do *Urban History Yearbook*, p. 3, 1975.

(58) FRASE e SUTCLIFFE. Introdução. *The pursuit of urban history*, p. XXVIII, 1983 (redação minha).

(59) Op.cit., p. 9.

(60) RODGER, R. op. cit., p. 8, 1992.

(61) LEES. op. cit., p. 11, 1994.

(62) RODGER, R. op. cit., 1992.

sobre o urbano. Essas tentativas sempre fracassaram. O campo de interesse do urbano e da cidade, pela sua própria complexidade e pluridimensionalidade, necessariamente abarcam diferentes modalidades historiográficas. Eventualmente, a constituição de fóruns especializados pode ser a trajetória que mais propiciará o avanço do conhecimento. A apreensão de um objeto tão multifacetário como o urbano implica necessariamente a adoção de perspectivas privilegiadas. Nesse sentido, sempre haverá, a nosso ver, sob o rótulo de “história urbana” várias modalidades historiográficas, eventualmente constituindo saberes específicos.

Luís Octávio da Silva

Urbanista, mestre em Administração Pública (FGV-São Paulo), doutorando em Estudos Urbanos (Université du Québec à Montreal-Canadá) e bolsista da Capes (Brasília/Brasil).